

Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)

ISSN: 2447-8288
v. 2, n.2, 2017

Percepção dos docentes do Ensino Médio referente à educação sexual na escola

High School Teachers' perception about sexual education at school

Submetido em 10/11/2016

Avaliado em 20/11/2016

Aceito em em 14/03/2017

Letícia Thais Santos Oliveira

Licenciada em Ciências Biológicas pelo UNASP-SP e graduanda do Bacharelado em Ciências Biológicas. Contato: leticia.thais@gmail.com.

Ronaldo Santos Santana

Licenciado em Ciências Biológicas pela UNASP-SP e mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências e da Matemática pela UFABC. Atua como professor de Ciências e Biologia na UNASP e colaborador na editora Somos Educação. Contato: ronaldo.santana@ufabc.edu.br

Haller Elinar Stach
Schunemann

Pedagogo e Teólogo pelo UNASP-SP. Possui Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Doutorado em Ciências da Religião e Pós-doutorado em Religião e Periferia. Atualmente, é professor titular de diversos cursos de graduação e pós-graduação do UNASP –SP. Contato: haller.schunemann@gmail.com

Percepção dos docentes do Ensino Médio quanto à educação sexual na escola**Resumo**

O objetivo da presente pesquisa é investigar a percepção e a formação docente de professores do Ensino Médio sobre o trabalho com educação sexual nas escolas. Para isso, foi realizada uma pesquisa envolvendo cinquenta professores de diferentes disciplinas que lecionavam no Ensino Médio de escolas públicas localizadas em São Paulo. Foi aplicado um questionário a esses docentes e realizada uma análise de conteúdo de todo o material. Os dados evidenciaram que boa parte dos professores não possui uma formação específica adequada para o trabalho com a educação sexual com seus estudantes e uma boa porcentagem destes não desenvolve um trabalho com essa temática junto aos seus alunos frequentemente. Aqueles docentes que desenvolvem tais projetos os fazem por diversos fatores, como, por exemplo, por iniciativa própria, pela temática estar inserida no projeto curricular da escola, entre outros motivos. A ênfase que os professores dão quando implementam projetos de educação sexual é mais em aspectos biológicos e psicológicos em detrimento dos aspectos sociais. Outras pesquisas precisam ser realizadas para que se possa ter cada vez mais clareza sobre a forma como a educação sexual se faz presente em um contexto formal de ensino e quais as possibilidades e os desafios que envolvem essa temática.

Palavras-chave

Educação Sexual. Ensino Médio. Formação docente. Percepção docente.

High School Teachers' perception about sexual education at school**Abstract**

The goal of this research is investigate the perception of the High School teachers about Sexual Education at schools. For this, was conducted a research involving fifty different teachers that teaching at public high school - at São Paulo. It was applied a questionnaire to teachers and analyzed of all data according to the content analysis. The data showed that most of the teachers do not have a specific training proper, for working with sexual education students with its, and a large part of percentage of these not develop a working with thematic often. Those teachers that develop such projects are by several factors, for example on its own initiative, for the thematic inserted being within the curricular school project, among other reasons. The emphasis given by that teachers when implement sexual education projects is more in Biological and Psychological aspects instead of social aspects. Other research will be carried out so that we can have clarity increasingly about how sex education is present in formal education context and as what the possibilities and challenges surrounding this topic.

Keywords

Sexual Education. High School. Teachers' Perception.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, a maioria dos jovens tende a iniciar sua vida sexual cada vez mais cedo e, com isso, propostas com ênfase na educação sexual tornam-se cada vez mais importantes em um contexto de educação formal e não formal, desde os primeiros anos de escolarização (Abramovay, 2004). É importante que as propostas de trabalho com a educação sexual se iniciem desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois a sexualidade infantil pode estabelecer as bases para o desenvolvimento da sexualidade nas outras etapas de vida do indivíduo (Araújo, 2005).

Diversos pesquisadores ressaltam aspectos diferentes da sexualidade humana. Há quem defenda que o conceito atual de sexualidade é de interesse de diferentes áreas do conhecimento, amplo e restrito ao ser humano (Figueiró, 2006; Maia; Ribeiro, 2011). Maia e Ribeiro (2011) defendem que a sexualidade se apresenta de diversas formas e vai depender da cultura e do momento histórico em que o indivíduo está inserido, sendo ela um conceito também histórico. Além do mais, “A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções” (Louro, 1999, p. 6).

Ademais, a sociabilização do indivíduo com seus parentes, colegas, amigos, professores e a mídia, em ambientes formais e informais, resultam e constroem sua sexualidade (Ramiro; Matos, 2008). Saito e Leal (2000) destacam que a sexualidade é algo intrínseco do desenvolvimento da personalidade do indivíduo e não é um sinônimo de sexo ou atividade sexual. A atividade sexual está relacionada de maneira direta ao ato de fazer sexo, o que diz respeito à satisfação biológica e ao prazer, enquanto que a sexualidade também “inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual” (Figueiró, 2007, p.2).

Bruess e Greenberg (2008) defendem que a sexualidade abrange diversos componentes e inter-relações realizadas, assim, está integrada à personalidade do indivíduo e, por isso, é fundamental para a saúde e o bem estar da pessoa. Os autores afirmam que a sexualidade consiste e abrange quatro dimensões, sendo elas a dimensão ética, cultural, biológica e psicológica. Se alguém pretende compreender aspectos da sexualidade humana, precisa considerar as quatro dimensões e não apenas uma. Todas essas dimensões são separadas umas das outras, mas, ao mesmo tempo, podem se sobrepor e se influenciar de maneira mútua e as inter-relações entre as quatro dimensões têm, por consequência, a sexualidade do indivíduo (Bruess e Greenberg, 2008).

A dimensão cultural da sexualidade, segundo Bruess e Greenberg (2008), diz respeito à união de certas questões culturais que influenciam nos pensamentos e nas ações das pessoas, podendo se dar por influências históricas ou contemporâneas, como, por exemplo, a cosmovisão a respeito do papel dos homens e das mulheres na sociedade ou costumes. A dimensão psicológica da sexualidade

diz respeito às nossas atitudes e sentimentos em relação a nós mesmos ou a outras pessoas, englobando as emoções, experiências pessoais, motivações, atitudes ou comportamentos aprendidos (Bruess e Greenberg, 2008).

Há pesquisadores que incluem a dimensão ética como parte da dimensão psicológica, no entanto, Bruess e Greenberg (2008) as mencionam separadamente. Os autores afirmam que essa dimensão engloba basicamente questões de certo e errado, coisas que podem ou não ser feitas, crenças religiosas, opiniões morais e ações, valores, entre outras questões. Por fim, aquela dimensão que as pessoas sempre associam primeiramente à sexualidade é a dimensão biológica. Bruess e Greenberg (2008) ressaltam que os aspectos biológicos da sexualidade humana são apenas uma dimensão dentre as outras que devem ser consideradas, sendo um erro pensar que essa dimensão é a mais importante em detrimento das outras. A dimensão biológica envolve os aspectos físicos, como a aparência, o desenvolvimento das características físicas sexuais, as respostas a estímulos sexuais, a habilidade de se reproduzir ou controlar a fertilidade, ciclos fisiológicos e suas mudanças, entre outros aspectos (Bruess e Greenberg, 2008).

Inserir tópicos que discutam a educação sexual em cursos de formação inicial de professores é relevante para que aconteçam melhores orientações aos discentes a respeito dos mitos e tabus que permeiam as questões de sexualidade (Barcelos e Jacobucci, 2011). Desenvolver estratégias diferenciadas para abordar a educação sexual com alunos da Educação Básica é essencial, pois possibilita um ambiente propício para desenvolver neles: conteúdos atitudinais (trabalhar com valores e atitudes); habilidades de tomada de decisão, comunicação; e redução de riscos em relação a diversos aspectos da sexualidade (Unesco, 2010).

Há muitos anos, defende-se que a educação sexual seja trabalhada com os alunos com um enfoque biopsicossocial, no entanto, essa abordagem “contemplando as questões do corpo, gênero, prevenção, o respeito à diversidade e diferenças de cada pessoa, entre outros temas, constitui um desafio constante no processo de educar” (Ribeiro, 1990, p. 11). Abordar temáticas que levem em conta a educação sexual em sala de aula deve envolver estratégias de intervenção que desencadeiem nos alunos reflexões a respeito de crenças pessoais já estabelecidas biopsicossocialmente sobre a sexualidade (Barcelos e Jacobucci, 2011). A ênfase nesses três aspectos é importante, pois a sexualidade de um indivíduo apresenta componentes que são biológicos, psicológicos e sociais, se manifestando de maneira particular em cada um (Maia e Ribeiro, 2011).

Entretanto, a educação sexual que está sendo implementada pelos professores em suas escolas é, em sua maioria, baseada apenas em um enfoque biológico (Altmann, 2013; Barcelos; Zaiad; Santos, 1996; Bonfim, 2010; Costa e Coelho, 2011). Considerando que a sexualidade se constrói principalmente no imaginário, sendo um conjunto de crenças, valores e padrões de “normalidade”

impostos na convivência social, torna-se insuficiente abordar apenas os aspectos biológicos (Oliveira, 2007).

Altmann (2013) defende que é mais desafiador contemplar questões sobre a diversidade sexual no momento em que é utilizada apenas a perspectiva biológica para abordar a sexualidade. Deste modo, é recomendado que a sexualidade não seja um tema exclusivo dos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia, com uma mensagem essencialista considerando apenas aspectos físicos e hábitos saudáveis (Quirino e Rocha, 2012).

Referente à posição dos documentos oficiais que regem a educação brasileira quanto à educação sexual, os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem e recomendam a utilização da orientação sexual¹ como tema transversal e defendem que ela tem como finalidade difundir informações e realizar a problematização de questões referentes à sexualidade, englobando tabus, crenças e valores que são relacionados à sexualidade humana (Brasil, 1997). O documento acrescenta que:

[...] Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros (Brasil, 1997, p. 28).

Todavia, mesmo com a recomendação da educação sexual nos documentos oficiais, Quirino e Rocha (2012) afirmam que a implementação da educação sexual na sala de aula pelos professores ainda sofre resistência. Portanto, para o professor desenvolver um trabalho eficaz envolvendo a educação sexual é importante que o docente esteja preparado, no sentido de que ele se sinta seguro para trabalhar o tema em sala de aula e promover uma discussão a respeito do desenvolvimento da adolescência em uma perspectiva social, mental e fisiológica dos diferentes gêneros (Araújo, 2005).

No entanto, pesquisas têm evidenciado que a formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, é deficiente no que diz respeito ao desenvolvimento da educação sexual em sala de aula e isso traz, por consequência, uma realidade docente despreparada para a abordagem (Figueiró, 2007; Silva; Maia e Ribeiro, 2011; Megid Neto, 2006). Tal abordagem tem sido desafiadora aos professores por diversos motivos, como a percepção docente a respeito do assunto, a forma como ela é abordada em sala de aula, os temas considerados tabus pela sociedade, os preconceitos, as diversidades, entre outros fatores (Jacobucci e Barcelos, 2011).

¹Atualmente, o termo orientação sexual é utilizado para indicar se o indivíduo é bissexual, homossexual ou heterossexual e, por isso, neste contexto o termo educação sexual é mais adequado (Maia e Ribeiro, 2011).

Com isso, para a realização de uma educação sexual eficaz na escola, torna-se necessária a definição de diretrizes para direcionar a formação e capacitação de todos os envolvidos do espaço escolar, especialmente do corpo docente, que necessita de uma melhor capacitação profissional, tanto com relação ao conteúdo técnico-científico, como o metodológico e vivencial (Gherpelli, 1996).

Tendo em vista a problemática apresentada, a presente pesquisa visa a investigar a formação docente e a percepção dos professores do Ensino Médio no que diz respeito ao o trabalho com a educação sexual com seus estudantes. Espera-se que os resultados obtidos contribuam com o *corpus* de pesquisas já realizadas, a fim de se ter cada vez mais noção deste fenômeno para direcionar os cursos de formação inicial e continuada e também desenvolver melhores políticas públicas para a formação de professores.

METODOLOGIA

Quanto à natureza da presente pesquisa, podemos considerá-la como uma investigação qualitativa, que se utilizou de instrumentos quantitativos – como tabelas e métodos de estatística simples – a fim de investigar um fenômeno ocorrido em um ambiente natural (Ludke; André, 1986). Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário aplicado a cinquenta professores que lecionavam diversas disciplinas no Ensino Médio de escolas da Rede Pública Estadual de São Paulo. O questionário continha um total de 22 questões, sendo 11 dissertativas e 11 objetivas.

As questões solicitavam aos respondentes informações pessoais (como sexo, idade e religião), informações sobre a história acadêmica do professor (área de formação, nível de escolarização ensinado nos últimos três anos, disciplina específica que leciona e cursos de formação realizados) e informações acerca da frequência e desenvolvimento da abordagem da educação sexual à sua prática docente (sua percepção sobre o tema, importância da educação sexual, projetos desenvolvidos, a frequência e o tema abordado, desafios enfrentados ao abordar o tema e a presença de formação específica em seu currículo para desenvolver projetos de educação sexual).

A aplicação foi realizada em cinco escolas de São Paulo e de Itapeccerica da Serra, o critério de escolha da escola era apenas o nível de escolarização (Ensino Médio). Aqueles professores que se disponibilizavam a responder o questionário eram selecionados e utilizados como sujeito da presente pesquisa. Alguns docentes não responderam a todas as questões e, por esse motivo, o número de respondentes (n) varia nas diversas tabelas apresentadas nos resultados. Os dados obtidos foram coletados e tratados com base nos métodos de análise de dados qualitativos e análise de conteúdo (Bardin, 2011).

A amostra foi constituída por 50 professores atuantes no Ensino Médio da rede pública, sendo que 27 se consideravam homens e 23, mulheres. Os docentes tinham uma média de 31 a 40 anos de

idade sendo que 43 possuíam habilitação somente em licenciatura e 9 tinham também o curso de bacharelado, 9 cursaram pós-graduação *latu sensu* e 1 docente havia concluído o mestrado. Quanto à disciplina que os docentes lecionavam no momento da coleta de dados, podemos considerá-los como um grupo bem diversificado, conforme pode ser observado nos quadros abaixo (Quadro 1 e 2), que apresentam algumas informações a respeito dos sujeitos da presente pesquisa:

Quadro 1 – Formação inicial dos sujeitos da pesquisa (considerar n= 50 professores).

FORMAÇÃO INICIAL	
Física	2
Química	3
Matemática	5
Letras	14
Geografia	3
Artes visuais	5
História	5
Ciências Biológicas	3
Filosofia	2
Educação Física	5
Filosofia	2
Sociologia	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2 – Religião declarada pelos sujeitos da pesquisa (considerar n= 50 professores).

RELIGIÃO DOS DOCENTES	
Teísta	1
Adventista	3
Católico	18
Protestante	1
Cristão	3
Espírita	5
Evangélico	5
Sem religião	7
Messiânico	1
Evolucionista ²	1
Não informado	4
Acredita em todas as religiões que ama	1

Fonte: Dados da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o resultado da análise dos dados da presente pesquisa, foi evidenciado que os docentes consideram possuir um déficit em sua formação no que diz respeito à educação sexual. Quando os professores foram questionados sobre a sua formação para trabalhar a educação sexual, 78% dos

² Esta era uma questão aberta do formulário e, por isso, foram consideradas as respostas dos professores na íntegra.

respondentes disseram que não possuem formação específica para desenvolver o tema e apenas 22% disseram ter alguma formação (Tabela 1):

Tabela 1 – Formação específica dos professores para desenvolver um trabalho de educação sexual com os alunos da Educação Básica (n= 50 professores).

Frequência	Nº	%
Não.	39	78
Sim, fiz pelo menos um curso.	11	22
Sim, fiz mais de um curso.	0	0

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível relacionar o pouco número de professores com formação específica aos dados da formação inicial desses professores (apresentados no Quadro 1), pois deve ser levado em consideração que os sujeitos da presente pesquisa não são formados, em sua maioria, em Ciências Biológicas. Não obstante, defendemos que todos os professores precisam ter formação específica para trabalhar com a educação sexual em sala de aula, pois este é apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tema transversal e de responsabilidade de todos os professores e não somente ao professor de Ciências e Biologia (Brasil, 1997). Bonfim (2010) defende que é indispensável inserir na matriz curricular de todos os cursos de formação de professores disciplinas que discutam a educação sexual. Braga (2009) considera importante a experiência dos professores nos cursos de formação, pois estes propiciam as discussões e trocas de experiências sobre educação sexual e podem auxiliar os docentes em sua atividade.

O instrumento de coleta de dados utilizado não permite compreender o real motivo de grande parte dos professores não terem formação específica na área. É possível que essa realidade seja em função de déficits na formação inicial desses profissionais, pela pouca oferta e divulgação de formação continuada voltada a esse tema ou desinteresse dos professores em participar de cursos de formação continuada com essa temática. Diversos autores evidenciaram que a formação docente para o trabalho com a educação sexual na Educação Básica é incipiente (Bonfim, 2010; Maia e Ribeiro, 2011; Megid Neto, 2006). Altmann (2013) questiona o porquê de a educação sexual ser mais frequente na prática dos professores nas escolas e menos frequente nos cursos de formação inicial e continuada. A autora afirma que os cursos de formação têm contemplado pouco as questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual.

Quando os docentes foram questionados sobre o tipo de formação específica na qual eles realizaram discussões sobre educação sexual, obteve-se o seguinte resultado (Tabela 2):

Tabela 2 – Tipo de formação específica das quais os professores que fizeram pelo menos um curso participaram (n= 11 professores).

Tipo de curso de formação	Nº	%
Curso de formação.	3	25
Oficinas de formação.	3	25
Módulos de formação.	0	0
Círculos de estudos.	1	8,33
Projetos.	1	8,33
Estágios.	0	0
Seminários.	2	16,66
Disciplinas na graduação.	0	0
Outros.	2	16,66

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apresentados acima (Tabela 2) sugerem que a formação para a educação sexual, quando ocorreu, foi após o curso de formação inicial e se deu, provavelmente, na formação continuada. Isto é, a formação inicial não previa tal tema, relegando sua abordagem à formação continuada, que é de caráter eletivo, ou seja, faz quem deseja ou com o tema de interesse de cada um.

Três de onze professores participaram de cursos ou oficinas de formação com a temática de educação sexual (Tabela 2). Acreditamos que esse número seja muito baixo e, por isso, reiteramos a importância da formação continuada dos professores para auxiliá-los em seus desafios do cotidiano. Tais cursos surgem empenhando-se em um trabalho de colaboração entre formadores e professores, com elementos que os auxiliem a ensinar Ciências de maneira eficiente (Langhi; Nardi, 2005). Para estes autores, os conteúdos e metodologias que forem trabalhados nos cursos de formação continuada devem estar de acordo com a realidade do professor. Por isso, é importante a união entre a universidade e a escola, do contrário, o curso pode não atingir a necessidade dos professores. Rosa, Perez e Drum (2007) também recomendam fortemente a formação continuada, levantando a problemática de muitas vezes os docentes não terem oportunidades de se inscreverem em cursos desta natureza.

Observou-se que 57% dos professores não participaram de projetos de educação sexual nos últimos três anos (Tabela 3). Tal realidade pode ser relacionada com os dados da tabela 1, pois, possivelmente, professores que participam de cursos de formação continuada tendem a implementar as contribuições do momento formativo em suas aulas. Quando os professores não têm uma formação adequada para trabalhar com a educação sexual em sala de aula, conforme foi evidenciado, é possível que estes não participem de projetos de educação sexual com frequência, como demonstra a tabela 3. Silva e Megid Neto (2006) realizaram uma pesquisa empírica e evidenciaram que os professores estão

inaptos, tanto na formação inicial quanto na continuada, para desenvolverem uma abordagem da educação sexual na escola.

Tabela 3 – Participação em projetos de educação sexual nos últimos três anos segundo professores do ensino médio (n= 49 professores).

Frequência	Nº	%
Sim.	21	42,85
Não.	28	57,15

Fonte: Dados da pesquisa.

Figueiró (2007) afirma que boa parte dos docentes reconhece a educação sexual como relevante e necessária à formação dos estudantes. A autora afirma que há uma preocupação docente referente ao tema, mas os professores, muitas vezes, sentem insegurança e temor frente ao desafio de implementar uma abordagem envolvendo educação sexual em sala de aula. Contudo, é fato que a formação inicial dos professores não os tem preparado para desenvolver questões envolvendo sexualidade em sala de aula, assim, os professores acabam ficando receosos frente ao tema e resultados como os expressos na tabela 3 acabam sendo compreensíveis, mesmo que injustificáveis (Figueiró, 2007).

Foi questionado também àqueles professores que desenvolveram projetos de educação sexual a respeito da forma como o tema foi abordado em sua escola, se por iniciativa própria, integrada ao currículo, entre outras (Tabela 4). Os dados demonstram que boa parte das iniciativas envolvendo educação sexual foi realizada por iniciativa própria ou estava inserida no projeto curricular da turma (Tabela 4).

Tabela 4 – Forma de abordagem da educação sexual nas escolas segundo os professores do ensino médio (n= 45 professores).

Abordagem	Nº	%
Por iniciativa própria.	18	40
Integrada ao currículo da disciplina que leciona.	7	15,55
Integrada à Área de Projeto/Estudo acompanhado.	6	13,33
Inserida no Projeto Curricular de turma (abordagem transversal).	12	26,66
No âmbito do Programa de Educação para Saúde.	0	0
Dinamizada por um grupo disciplinar/departamento.	0	0
Outra.	2	4,44

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisarmos a área de atuação daqueles professores que fazem o projeto por iniciativa própria (Tabela 4), foi percebido que os docentes que lecionavam as disciplinas de Língua Portuguesa, Educação Física e Matemática eram os que mais realizavam projetos de educação sexual

por iniciativa própria (3 de n=18 professores). Os professores de História, Artes e Ciências Biológicas também tiveram uma frequência diferenciada (2 de n=18). Enquanto que apenas um professor de Química, Filosofia e Física disseram que realizaram o projeto por iniciativa própria. De igual modo, no momento da análise da área de atuação dos professores que integram projetos de educação sexual ao currículo, obteve-se o seguinte resultado: Artes (4 de n=12 professores); Letras e História (3 de n=12 professores); Filosofia e Química (1 de n= 12 professores).

Foi evidenciado (Tabela 5) que os professores realizam discussões envolvendo educação sexual com um aspecto: biológico (puberdade, contracepção e sexo seguro, reprodução e nascimento, infecções sexualmente transmissíveis, entre outros) e psicológico (imagem corporal, homossexualidade, atração, amor e intimidade, entre outros). Contudo, tais professores não discutem a sexualidade com um enfoque social. Silva e Megid Neto (2006) acreditam que a ênfase errada que os professores têm dado à educação sexual se dá em função de sua formação deficitária e, por isso, o docente pode acabar desenvolvendo projetos com apenas um dos enfoques. Bruess e Greenberg (2008) defendem que as dimensões biológica e psicológica da sexualidade são apenas duas das quatro dimensões que os autores apresentam em seu trabalho (biológica, psicológica, ética e cultural). Os autores afirmam ainda que as quatro dimensões se manifestam e trabalham juntas para formar a sexualidade humana.

Tabela 5 – Temáticas abordadas no projeto de educação sexual (n= 21 professores³).

Categoria	Nº	%
Imagem corporal.	8	6,34
Puberdade.	12	9,52
Sonhos molhados.	4	3,17
Homossexualidade.	12	9,25
Atração, amor e intimidade.	6	4,76
Masturbação.	9	7,14
Contracepção e sexo seguro.	12	9,52
Reprodução e nascimento.	10	7,93
Prazer e orgasmo.	6	4,76
Gravidez e parentalidade.	18	14,28
Infecções sexualmente transmissíveis.	17	13,49
Segurança pessoal.	6	4,76
Comunicação acerca do relacionamento amoroso.	5	3,96
Outros.	1	0,79

Fonte: Dados da pesquisa.

³ Apenas 21 docentes responderam essa questão.

Do mesmo modo, Quirino e Rocha (2012) também procuraram demonstrar a concepção docente sobre a educação sexual executada em sala de aula e evidenciaram que os professores pensam sobre a sexualidade por meio de seus aspectos biológicos e, de forma secundária, abordam aspectos psicológicos, afetivos e espirituais, em detrimento dos aspectos históricos e socioculturais que também envolvem a sexualidade humana e são negligenciados pelos docentes.

Historicamente, os projetos com foco na educação sexual na escola desde o século XVIII até a época atual tiveram diferentes ênfases, como o onanismo, as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez na adolescência e, hoje, o foco de atenção é na questão da diversidade sexual (Altmann, 2013). Figueiró (2007) defende que é atribuição da escola proporcionar uma educação sexual aos seus discentes visando à formação integral dos estudantes e não apenas porque os pais, na maioria dos casos, não sabem abordar tais temáticas ou porque existem problemas sociais atrelados ao tema, como a gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros.

Ademais, é necessária uma contínua renovação do trabalho do professor em sala de aula referente à implementação da educação sexual para que seja superado o modelo predominantemente biomédico/científico da sexualidade e sejam consideradas, também, as dimensões histórica, social e cultural da sexualidade (Quirino e Rocha, 2012).

Por fim, os docentes foram questionados sobre a sua concepção quanto ao papel da educação sexual na vida dos alunos. A maioria dos respondentes tem a educação sexual como uma ferramenta para transmitir informações visando à promoção da saúde, esclarecer dúvidas e diminuir riscos (Tabela 6).

Tabela 6 – Papel da educação sexual na visão dos professores da Educação Básica (n=50⁴).

Categoria	Nº	%
Fornecer mais informação.	30	60
Esclarecer dúvidas.	29	58
Melhorar o relacionamento afetivo-sexual.	17	34
Promover a saúde.	32	64
Reduzir consequências de comportamento sexuais de risco.	42	84
Promover a igualdade entre os gêneros.	12	24
Fomentar a participação das famílias nas atividades escolares.	12	24

Fonte: Dados da pesquisa.

A tabela acima expressa que o caráter informativo e preventivo prevalece na percepção docente a respeito de qual o papel e a importância da educação sexual para a vida dos estudantes. As

⁴ Alguns professores sinalizavam mais de uma questão e, por isso, o total não é igual a 100%.

questões de gênero, por exemplo, têm uma incidência baixa nas respostas. Maia e Ribeiro (2011), em sua pesquisa, ressaltam a relevância social de se trabalhar questões referentes ao gênero, diversidade em sala de aula e combate à homofobia de maneira crítica e reflexiva. Altmann (2013) afirma que as questões da diversidade e gênero são pouco abordadas durante a formação dos professores.

As discussões sobre a sexualidade na escola, em projetos de educação sexual, têm um papel informacional muito importante, pois contribui para a diminuição das taxas de gravidez na adolescência e na prevenção de doenças, não influenciando os jovens a iniciar sua vida sexual (Saito; Leal, 2000). Contudo, intervenções educativas devem ser realizadas pelos professores abrangendo todos os aspectos que envolvem a sexualidade, não apenas com o objetivo de informar os alunos, mas "desenvolvendo habilidades necessárias à utilização dessas informações para o exercício saudável da sexualidade" (Barcelos e Jacobucci, 2011). Ademais, os projetos envolvendo educação sexual podem propiciar um ambiente rico para a reflexão, desenvolvimento de autonomia e de pensamento crítico (Alencar et al., 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados evidenciados na presente pesquisa tornam possível inferir que a formação inicial e continuada dos professores pode estar diretamente relacionada à implementação de projetos envolvendo educação sexual. Os docentes demonstraram ter pouca formação para desenvolver projetos de educação sexual e os mesmos têm se envolvido pouco com tal temática. Os resultados demonstram que, no momento em que a formação específica para a educação sexual foi presente, esta se inseria na formação continuada. Deste modo, defendemos e recomendamos fortemente a inclusão de tópicos envolvendo educação sexual na formação inicial dos professores, pelo caráter optativo e pela pouca oferta da formação continuada aos professores atuantes na Educação Básica.

Os dados demonstram também que a maioria dos projetos de educação sexual surge por iniciativa dos próprios docentes e acreditamos que a equipe escolar e as diretorias de ensino devem também fomentar tal prática. Foi evidenciado que aqueles professores que desenvolvem projetos de educação sexual em sua escola enfocam apenas em aspectos biológicos e psicológicos e apresentam pouca ênfase nos aspectos sociais da sexualidade. Os docentes evidenciaram que utilizam a educação sexual principalmente como uma ferramenta para reduzir consequências de comportamento sexuais de risco; promover a saúde; fornecer mais informação; esclarecer dúvidas; entre outros objetivos. Envolvendo, principalmente, as temáticas relacionadas à gravidez e parentalidade; infecções sexualmente transmissíveis; contracepção e sexo seguro; homossexualidade; puberdade; imagem corporal; masturbação; entre outras.

Novas pesquisas devem ser realizadas se aprofundando a partir dos dados aqui apresentados, investigando a estrutura curricular dos cursos de formação inicial e continuada para o trabalho com a educação sexual, a fim de evidenciarem as principais diretrizes para desenvolver um trabalho eficiente. Pesquisas podem ser realizadas também evidenciando os desafios e as possibilidades na implementação de um projeto de educação sexual por professores da Educação Básica. Tais trabalhos podem servir para esclarecer os fenômenos que envolvem a educação sexual em um contexto de educação formal; a redação de diretrizes para guiar o trabalho do professor em projetos de educação sexual; a formulação de políticas públicas educacionais voltadas para o tema; e fundamentar novas pesquisas da área.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. *Juventude e sexualidade*. 1. ed. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALENCAR, R. A.; SILVA, L.; SILVA, F. A.; DINIZ, R.E.S. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciência e Educação*, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.
- ALTMANN, H. Diversidad sexual y educación: desafíos para la formación docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 13, p. 69-82, 2013.
- ARAÚJO, S. S. M. M. Educação sexual: para além dos tabus. *Abceducatio*, v. 6, p. 10/44-14, 2005.
- BARCELOS, N.N.S.; JACOBUCCI, D.F.C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.
- BARCELOS, N.N.S.; ZAIAD, A.G.; SANTOS, C.; BARCELOS, N. S. Educação sexual: relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo: v. 7, n. 2, p. 150-160, 1996.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BONFIM, C. R. S. Educação sexual: contradições, limites e possibilidades. *Filosofia e Educação*, v. 2, n. 2, p. 406-423, 2010.
- BRAGA, E. R. M. *Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero*. In: CARBELLO, S. R. C.; COMAR, S. R. (Org.). Educação no século XXI: múltiplos desafios. 1. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- BRUESS, C.; GREENBERG, J. *Sexuality Education: Theory and Practice*. (5th edition). Boston: Jones and Barlett, 2008.

COSTA, L. H. R.; COELHO, E. C. A. Nursing and sexuality: Integrative review of papers published by the Latin-American Journal of Nursing and Brazilian Journal of Nursing. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 19, n. 3, p. 631-639, 2011.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. *Linhas (UDESC)*, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2006.

_____, M. N. D. *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina/PR: Ed. Eduel, 2006.

GHERPELLI, M. H. B. V. *A Educação Preventiva em Sexualidade na Adolescência*. Série Idéias, São Paulo: FDE, 1996.

LANGHI, R.; NARDI, R. Dificuldades interpretadas nos discursos de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em relação ao ensino de Astronomia. *Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia - RELEA*, n. 2, p. 75-92, 2005.

LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. *Doxa - Revista Paulista de Psicologia e Educação*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

OLIVEIRA, L. D. G. *Orientação sexual: Sob o viés da transversalidade*. Piauí, UESPI 2007.

QUIRINO, G.S.; ROCHA, J.B.T.R. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, n. 43, p. 205-224, 2012.

RAMIRO, L.; MATOS, M. G. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, n. 4, p. 684-692, 2008.

RIBEIRO, M. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

ROSA, C. W.; PEREZ, C. A. S.; DRUM, C. Ensino de Física nas séries iniciais: concepções da prática docente. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 12, n.3, p. 357-368, 2007.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. *Pediatria (USP)*, v. 22, n.1, p. 44-48, 2000.

SILVA, R.C.P.; MEGID NETO, J. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 2, 2006.

UNESCO. *Orientação técnica internacional sobre Educação em Sexualidade*. Setor Educacional, Divisão de Coordenação das Prioridades da ONU em Educação, Seção VIH e SIDA, 2010.